

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM

03 a 06 de Abril de 2017

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

**CORPOS PERMEADOS POR POLÍTICA EM UM MUNDO FORMADO POR  
VERSÕES: UM OLHAR DE MULTIPLICIDADE PARA A RELAÇÃO ENTRE  
CONSTRUÇÕES NORMATIVAS DE  
GÊNERO E TDAH**

Rodrigo Ramires Ferreira (Bolsista CAPES, Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá; Murilo dos Santos Moscheta (Professor Adjunto B do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá)

contato: rodrigoramirez1@gmail.com

**RESUMO**

Atualmente há uma crescente nas discussões sobre gênero em nossa sociedade. Este tema vem se desenhando ao longo da história por diferentes perspectivas e diferentes correntes teóricas e vem ganhando visibilidade em diferentes espaços. As questões relacionadas a medicalização da infância e TDAH seguem também nessa direção. Nesse sentido, o objetivo desta pesquisa é descrever e discutir a relação entre as construções de gênero e as versões sobre o TDAH problematizando as descrições normativas sobre estas duas temáticas. À luz da Teoria Ator-Rede de Bruno Latour, John Law, Annemarie Mol entre outros propõe –se um estudo etnográfico, levantamento de dados por meio de prontuários e entrevistas no campo observado acessando as experiências, as relações, as materialidades, os efeitos e as transformações do contexto observado. São poucas as pesquisas atualmente que se propõem a esse olhar complexo aos atravessamentos destas duas temáticas. Assim, espera-se que a pesquisa possa contribuir para produção de um conhecimento múltiplo e complexo sobre gênero e TDAH. Ampliar o entendimento da relação entre estes fenômenos pode contribuir para descrições mais amplas, menos normativas e para a qualificação da assistência à saúde mental de crianças..

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero. TDAH. Multiplicidade.

**APRESENTAÇÃO**

O interesse pelos temas em Saúde Mental, que vem desde minha graduação, encontrou aliados em minha prática como psicólogo quando trabalhei em um projeto de

defesa de direitos da infância e juventude. Assim minha trajetória no mundo acadêmico vem sendo construída desde minha especialização em meados de 2012, em torno do tema da medicalização na infância, mais especificamente acerca das discussões referentes ao dito Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Em meu mestrado, discuto as construções da ciência acerca deste “transtorno” e os efeitos dessas construções para a sociedade e para as crianças diagnosticadas.

Nossa caminhada na vida é repleta de encontros, relações, desconstruções e reconstruções. Nessa trajetória tive contato com colegas de mestrado e com pesquisas de meu orientador voltadas a discutir temas acerca dos estudos de gênero. Participo de uma pesquisa nacional sobre saúde da população LGBT e durante o processo tive a oportunidade de encontrar narrativas que me fizeram pensar que cada vez mais, os estudos sobre gênero devem ser amplificados. Nossa sociedade vive um momento intenso de luta contra o machismo e a LGBTfobia e acredito que os estudos sobre gênero são uma porta de entrada para discutirmos essas questões que vivemos atualmente.

Nesse sentido, proponho uma intersecção de dois temas, TDAH e medicalização na infância e estudos de gênero, que se tornaram peças importantes ao longo de minha caminhada na vida acadêmica. Acredito que estes são de extrema relevância para a Psicologia contemporânea, e continuar a trajetória de pesquisa acerca do tema do TDAH e da medicalização da infância buscando sua interface com os estudos de gênero me parece um caminho necessário e proveitoso a ser trilhado.

## **INTRODUÇÃO**

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM  
03 a 06 de Abril de 2017  
Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

Presenciamos atualmente um constante crescimento nas discussões sobre gênero em nossa sociedade. Um tema que vem se desenhando ao longo da história por diferentes perspectivas e diferentes correntes teóricas e vem ganhando visibilidade em diferentes espaços em nossa sociedade. Não raro é tema de calorosas disputas em casas legislativas, em planos pedagógicos e na formulação de políticas públicas, com grande apelo e relevância ao/a Psicólogo/a como profissional imbuído de legitimar verdades nas decisões sobre as vidas emocionais das pessoas. Mais que acadêmico, o tema é político na medida em que envolve inúmeros processos culturais recheados de pluralidade (Louro, 2000). Ainda sim, presenciamos discussões que associam expressões de gênero ao sexo biológico, ou seja, criam-se categorias de acordo com a “realidade” do corpo.

São os estudos feministas e pós-estruturalistas que passam a traçar contribuições diferentes aos estudos de gênero. Visões que colocam o gênero como discurso, dissociado do corpo biológico, inserido em práticas sociais, culturais e em relações de poder que fazem performar determinadas expressões de gênero (Felipe, 2007). Nesse sentido, o gênero “coloca a ênfase em todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado pelo sexo nem determina diretamente a sexualidade” (Scott, 1989. p. 7. Tradução minha).

Mas de onde vem a ideia de associar as expressões de gênero à “realidade” do corpo? Para Sampaio & Medrado (2014), o corpo é considerado em nossa sociedade, o lugar onde começa e termina o indivíduo tornando-se uma descrição inclusive do sujeito, marcando de certa forma o limite entre as pessoas e delimitando inclusive posições e posicionamentos políticos. Uma expressão de gênero que está fora da “realidade” do

corpo, acaba ficando fora também da norma social, é considerada desviante. Quando ao final do século XIX a sexualidade é encerrada e posta exclusivamente como uma única possibilidade, qual seja a de procriação, aquilo que se põe fora disso é tomada por outros discursos, como da medicina, da psiquiatria, da psicologia da pedagogia entre outros. Foucault (1988) aponta que

No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa o discurso. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente vira anormal: receberá este *status* e deverá pagar as sanções. O que não é regulado pela geração ou por ela transfigurado não possui eira, nem beira, nem lei. Nem verbo também. É ao mesmo tempo expulso, negado e reduzido ao silêncio. Não somente não existe, como não deve existir e à menor manifestação fá-lo-ão desaparecer – sejam atos ou palavras (p. 10).

Para Foucault (1988), a questão refere-se ao uso do biopoder, definido como “técnicas diversas e numerosas para obterem a sujeição dos corpos e o controle das populações” (p.131), através das disciplinas e das regulações que se demarcarão “(...) na forma de agenciamentos concretos do poder no século XIX: o dispositivo de sexualidade será um deles, e dos mais importantes” (p.153).

A estratégia de regulação da sexualidade passa pela família nuclear burguesa visando às tecnologias do corpo e estratégias de regulação da população (Foucault, 1988). Essa família é reduzida à tutela da medicina social que determina formas de vivência por meio de uma educação higiênica que tem quatro estratégias apontadas por Costa (1999): (1) a educação física que pretendia criar corpos robustos e harmoniosos instituindo padrões estéticos gerando preconceitos ligados a corpos diferentes; (2)

educação moral com o intuito de disciplinar e educar pessoas cujo comportamento reprimido seria o ideal levando à culpabilização exacerbada e forçando o sujeito a um forte autocontrole e a uma tendência à extrema intolerância com pequenos desvios morais; (3) educação intelectual valorizando sujeitos inteligentes e cientificamente aptos levando à elevação da competição e de um sentimento de superioridade frente a sujeitos ditos não cultos - o cérebro do homem segundo esta lógica, seria mais capaz do que o da mulher, por exemplo; (4) educação sexual voltada para a reprodução, visando a geração de seres saudáveis e puros – as condutas sexuais foram reduzidas às figuras do pai e da mãe incitando a extrema repressão sexual no convívio familiar que se estende à sociedade (Costa, 1999).

Nesse sentido, os estudos de gênero visam por em questão estas estratégias de saber-poder que vinculam as expressões de gênero ao corpo biológico, mas não qualquer corpo, um corpo permeado por discursos que tem um desenho normativo específico. Um modelo binário de sexualidade que apenas admite masculino e feminino carregados de expectativas de condutas de gênero ligadas ao sexo biológico. Para além dessa dissociação entre gênero e corpo, Judith Butler (2003) aponta que não apenas o gênero é permeado por discursos, por políticas e constituinte de relações sociais, mas também o sexo biológico. Isso porque segundo a autora o sexo também não é natural, mas permeado por uma existência social. Nesse sentido, o gênero é mais um fazer do que um ser, este é o conceito de performatividade de gênero da autora, central para suas discussões, para Butler (2003) “o gênero mostra ser performativo [...] isto é, constituinte da identidade que supostamente é. Nesse sentido, o gênero é sempre um feito ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra” (p. 48).

Ao pensarmos em um corpo permeado por discursos, entendo que estes são atravessados por relações de poder, em sua maioria relações hierárquicas que delimitam as formas de vivência. Nesse sentido as expressões de gênero estarão inseridas em um processo medicalizante assim como as expressões de comportamento e subjetividade, as do TDAH por exemplo. A medicalização é um processo de incursão do saber médico nas existências sociais que inserem um caráter patológico e biologizante nas inúmeras formas de expressão da subjetividade (Ferreira, no prelo). Essas temáticas, por assim dizer, fazem parte de uma lógica de expectativa de conduta referentes a uma norma. O exemplo do TDAH diz respeito a expectativas de conduta que estão nas entrelinhas de suas categorias diagnósticas no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM). Ficar inquieto, não prestar atenção, se mexer demais, não respeitar hierarquias e normas de conduta (APA, 2013) são pano de fundo para um ideal de ser social que os discursos médico-psiquiátricos contribuem em construir em nossa sociedade: pessoas produtivas que respeitam normas e hierarquias, criadas e moldadas para o consumo.

Com as expressões de gênero, a mesma lógica aparece. A diferença é que não há um manual homologado por um órgão oficial de saúde mental, ao menos não tão explícito quanto o DSM. Isso porque até pouco tempo atrás, a homossexualidade – tida como um desvio da sexualidade padrão heterossexual binária – era considerada uma doença e tratada como tal. As transsexualidades ainda hoje aparecem na Classificação Internacional de Doenças e mostra como as expressões de gênero são patologizadas e tomadas como parte do discurso e do saber médico.

Essa tutela do saber médico biologizante constrói aquilo que Caliman (2010) irá chamar de bioidentidades. Essas bioidentidades moldam o indivíduo de acordo com o diagnóstico recebido, a pessoa ressignifica sua vida de acordo com as descrições do transtorno e as nuances de seu tratamento, que vem em maior parte, acompanhadas de um discurso de déficit. Passa a se apresentar também dessa forma, em muito porque uma lógica de cuidado formada nesse sentido traz uma certo alívio e um certo pertencimento, mas um pertencimento em uma bioidentidade que subtrai outros aspectos da vida, os aspectos, políticos, econômicos sociais e afetivos. Os biodiagnósticos hierarquizam as relações, e colocam no indivíduo, em seu corpo, toda a carga de responsabilidade. Muitas vezes ter uma bioidentidade, possibilita ao sujeito toda uma gama de direitos e possibilidades. Um exemplo é o processo todo que uma pessoa tem que passar entre terapias psicológicas e terapias com hormônios, o enquadramento em uma patologia como requisito para a cirurgia de ressignificação de gênero.

Nesse sentido, constroem-se corpos permeados por discursos políticos, religiosos, jurídicos, médicos, psicológicos, pedagógicos biológicos entre outros que tem o biológico com central e a norma como padrão. Crianças em idade escolar devem prestar atenção na aula concluindo um processo que não contribui para a produção subjetiva tendo seus corpos confinados e normalizados por esta lógica (Ferreira, 2013). Da mesma forma, as expressões de gênero que não condizem com o entendimento do caráter natural e biológico do sexo, que se apresentam fora da expectativa de conduta heteronormativa e binária, produzem masculinidades e feminilidades específicas

delegando um caráter patológico ou moralmente inaceitável para tudo aquilo que foge a essa norma.

Proponho nesse projeto uma intersecção entre o tema TDAH e medicalização e os estudos de gênero, por entender que estes estão entrelaçados e que este entrelaçamento produz efeitos específicos. Efeitos de expectativa de conduta e de produção de bioidentidades que estão atravessadas por diversos discursos, materialidades, instituições em uma complexa relação de humanos e não-humanos(Latour, 1994)que são dinâmicas. Pensar nesse dinamismo, ou nessa mutabilidade das relações é também pensar na possibilidade de reagregação destas relações, na produção de efeitos diferentes, efeitos permeados por política.

A questão central nesse projeto, nessa caminhada, é pensar os efeitos das construções de expectativas de conduta e de expressão de gênero e sua influência nas versões sobre o TDAH. As ferramentas para essa empreita são as contribuições da Teoria Ator-Rede(TAR) principalmente no que se refere a contribuição das materialidades (os não-humanos) para a construção de realidades e versões distintas de algo que podem ou não estar relacionados entre si. Law (2007) entende a TAR como uma abordagem semiótica material, uma família de “ferramentas, sensibilidades e métodos de análise que trata tudo no mundo social e natural como efeitos gerados continuamente das redes relacionais na qual eles estão localizados” (p. 2. Tradução minha). A semiótica material da qual fala Law (2007) aponta a produção de sentido também na funcionalidade material de um artefato, não somente no plano linguístico.

A TAR auxilia em pensarmos para além das dualidades as dualidades como natureza x sociedade, sujeito x objeto, humano x não-humano, verdadeiro x falso,

masculino x feminino, sexo x gênero e que suas diferenças são efeitos de associações que contam com a participação de diversos atores humanos e não-humanos que “não agiriam simplesmente, posto que estariam em redes de relações que não se saberia bem quando começam, quando acabam, redes que não teriam forma estável e nunca se fechariam definitivamente” (Arendt, 2008. p. 9).

É de certa forma, compreender e descrever as diversas realidades que são produzidas pelos efeitos destas relações e associações sem buscar uma única realidade possível, mas realidades que são mutáveis sem possuírem um caráter universal, sendo possíveis de transformações.

#### **JUSTIFICATIVA**

O tema da medicalização na infância e TDAH, bem como os estudos de gênero são construções historicamente recentes e muito promissoras em termos de pesquisa. Vivenciamos hoje discussões em casas legislativas acerca dos dois temas, sua inserção em projetos políticos-pedagógicos em escolas nas três esferas de governo. Estão inseridos em movimentos políticos sociais, discussões acadêmicas, fóruns e grupos de estudos especializados, serviços de saúde e assistência social e fazem parte do imaginário social no cotidiano.

Abordar essa intersecção entre medicalização na infância e TDAH e gênero é de suma importância no âmbito da Psicologia Social, pois entendo que esta pode trazer importantes contribuições acerca da proposta. Ademais, estudos que propõem uma relação entre gênero e TDAH o fazem em sua maioria de forma quantitativa analisando principalmente questões de prevalência como, por exemplo, os estudos de Cardoso,

Salbagg&Beltrame(2007) que trata principalmente da prevalência do TDAH entre crianças em idade escolar e a relação desta prevalência com o gênero, associado às marcas biológicas do corpo. Boa parte dos estudos nos mostra uma taxa entre 5 meninos diagnosticados para 1 menina diagnosticada com o TDAH, variando até de 3:1 e apontam subdiagnóstico em meninas devido a estes resultados e também uma comorbidade com o dito transtorno de conduta maior em meninos(Cardoso, Salbagg&Beltrame, 2007).

O estudo destes/as pesquisadoras/es até aponta para “marcas culturais” que diferenciam expressões de gênero, mas de forma sistemática não discutem essa relação e essas “matrizes culturais”. Em uma revisão prévia para a elaboração deste projeto a relação específica entre gênero, TDAH e medicalização não foi encontrada na forma que a proponho pesquisar, ou seja, buscando o efeito das construções normativas acerca do gênero e do “transtorno”. Nesse sentido, entendo que buscar no campo-tema essas construções, seus efeitos, suas relações e associações com um debate mais amplo e mais político acerca das temáticas.

## **METODOLOGIA**

O caminho a ser seguido nesta proposta está inserido no plano discursivo da pós-modernidade. Isso nos permite problematizar ações dominantes na ciência, nos perguntar para quê e para quem elas servem, buscando ferramentas alternativas que possibilitem a produção de outras possibilidades, pensando em dar voz àqueles e aquelas que foram silenciadas (os) pelos pressupostos da modernidade e de modelos hegemônicos de ciência (McNamee 2014). A pós-modernidade aponta para um *social*

marcado por questões políticas, por relações de poder, por valores e produtora de diversas versões da realidade.

O conhecimento é produzido em formas de agenciamentos, contratos sociais construídos de forma coletiva buscando outros sentidos e discursos que não uma verdade única. Ciência e conhecimento são produções dialógicas e históricas tendo linguagem e processos sociais um papel central (Camargo-Borges, 2007). Para a presente proposta, elegi a Teoria Ator-Rede (TAR) que está inserida nas produções apresentadas.

A TAR está inserida em um campo de estudos chamado de estudos da Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) que se constitui como um campo heterogêneo no qual estes três domínios estão interligados, interconectados por associações de *atores* humanos e não-humanos surgido entre as décadas de 1970 e 1980 (Moraes & Arendt, 2013). Dito de outro modo, aquilo que habitualmente é entendido como a *realidade* e que usualmente é tomada como o objeto de estudo das ciências, é na TAR tratada como efeito de associações e arranjos de elementos distintos. São circulações, alianças, fluxos e movimentos compostos por atores humanos e não-humanos (chamados de *actantes*) que redefinem mútuas relações. Segundo Moraes (2004) “uma ciência definida como rede de atores não se caracteriza por sua racionalidade e objetividade ou pela veracidade dos fatos por ela engendrados. Todas essas noções devem ser entendidas como efeitos” (p. 3). Assim, a TAR é uma ferramenta descritiva de como as relações se montam ou não. É preferível seguir os atores humanos e não-humanos descrevendo os redirecionamentos e agenciamentos que movimentam a rede (Latour, 2012).

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM  
03 a 06 de Abril de 2017  
Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

Nesse sentido, a proposta aponta para um método etnográfico no sentido da descrição do campo observado acessando as experiências, as relações, as materialidades, os efeitos e as transformações do contexto observado implicando um encontro, uma permanência e um vínculo com os atores humanos e não-humanos daquele contexto (Leavy, 2013). Essas observações ocorrerão em escola, atendimentos clínicos e serviço de saúde mental para a infância. A proposta engloba também entrevistas, registro de conversas no cotidiano, diário de campo e revisão de literatura. Entendo que seguir essa rede complexa é importante para os objetivos do trabalho bem como se enquadra em termos de possibilidade e tempo em uma proposta de doutorado. Não obstante, executar uma proposta de pesquisa deve fazer sentido para o/a pesquisador/a, e este vem em plena construção e ainda será construído com o contato com o campo-tema que é uma complexa rede de sentidos que se constroem no diálogo com o tema de pesquisa e com o contexto ao qual este está inserido (Spink, 2014).

Primeiramente será realizada uma revisão acerca dos estudos de gênero, TDAH e medicalização construindo um campo teórico que servirá de base para o trabalho de campo. Em termos de estratégia para a pesquisa em campo, elegi o Centro de Atenção Psicossocial para Infância (CAPSi) do município de Maringá como ponto de partida após a apreciação ética da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Maringá (processo mais detalhadamente explorado na seção a seguir). Assim pretendo incluir como colaboradores desta pesquisa duas crianças encaminhadas ao CAPSi com suspeita de ter TDAH e que não foram formalmente diagnosticadas e duas também encaminhadas mas que receberam o diagnóstico posteriormente. A partir destas acessar sua complexa rede de relações em termos de atores humanos e não-humanos,

que podem ser qualquer um e qualquer coisa (materialidade) que fazem parte de sua rede. Procederei então com o contato primeiramente com profissionais de saúde que atenderam e/ou atendem essas crianças e suas respectivas escolas para a realização da observação etnográfica, sempre considerando os nós relacionais entre atores humanos e não-humanos.

Após o processo de observação serão encaminhadas as entrevistas com as pessoas que fazem parte da rede dessas crianças e que serão convidadas após o processo de observação dependendo do efeito que estas tem nas redes. Isso por que como apontei anteriormente, a rede e os atores humanos e não-humanos, são dinâmicos e estão sempre em movimento gerando efeitos nas relações.

Com o término desse processo passarei a organização do material colhido nas observações, nas entrevistas e no diário de campo, este último engloba as conversas do cotidiano que me referi anteriormente bem como o papel das materialidades nas relações e outras nuances observadas para além do trabalho etnográfico e de entrevistas. Este processo pós-campo se dará pela organização dos registros em categorias temáticas e eixos temáticos articulando-os com núcleos de sentido. Em síntese, essa forma de proceder na pesquisa possibilitará observar os efeitos na construção de expressões de gênero que contribuem na formação de versões sobre o TDAH, ficando estas análises de acordo com os objetivos propostos.

## **REFERÊNCIAS**

American Psychiatry Association. (2013). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental disorders - DSM-5* (5a ed). Washington: American Psychiatric Association.

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM

03 a 06 de Abril de 2017

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

- Arendt, R. J. J. (2008). Maneiras de pesquisar no cotidiano: contribuição da teoria ator-rede. *Psicologia & Sociedade*, 20, Edição Especial, 7-11. Recuperado em 10 de novembro, 2015, em <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=309326473003>.
- Butler, J. (2003). *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Caliman, L. V. (2012). Os bio-diagnósticos na era das cidadanias biológicas. In: *Cadernos de Subjetividade, PUC – SP*. 93-103.
- Camargo-Borges, C. (2007). *O construcionismo social no contexto da Estratégia Saúde da Família*. Tese de Doutorado, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP.
- Cardoso, F. L.; Sabbag, S. & Beltrame, T. S. (2007). Prevalência de transtorno de déficit de atenção/hiperatividade em relação ao gênero de escolares. *Rev. Bras. Cineant. e Desemp. Hum.* 50-54.
- Costa, J. F. (1999). *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal.
- Felipe, J. (2007). Gênero, sexualidade e a produção de pesquisas no campo da educação: possibilidades, limites e formulações de políticas públicas. *Pró-posições*, 18 (2). 77-87.
- Ferreira, A. A. L. e cols. (2012). A psicologia para além das epistemologias: um espaço plural de produção de subjetividade. *Redes*, 18 (34). Buenos Aires. 59-84.
- Ferreira, R. R. (2013). *A medicalização sob a ótica das relações de saber-poder: um olhar acerca da infância medicalizada*. Monografia (Especialização em Saúde Mental). Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR.
- Ferreira, R. R. (no prelo). A medicalização nas relações saber-poder: um olhar acerca da infância medicalizada. *Psicologia em Estudo*. Maringá.
- Foucault, M. (1988). *História da sexualidade I: a vontade de saber* (13a ed). Rio de Janeiro: Graal.

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM

03 a 06 de Abril de 2017

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

Latour, B. (1994). *Jamais Fomos Modernos*. Rio de Janeiro: Ed.34.

Latour, B. (2012). *Reagregando o social: uma introdução à Teoria do Ator-rede*. Salvador: Edufba.

Law, J. (2007). Actor Network Theory and Material Semiotics. Recuperado em 10 de novembro de 2015, em <http://www.heterogeneities.net/publications/Law2007ANTandMaterialSemiotics.pdf>.

Leavy, Pía. (2013). ¿Trastorno o mala educación?" Reflexiones desde la antropología de la niñez sobre un caso de TDAH en el ámbito escolar. *Rev.latinoam.cienc.soc.niñezjuv*, Manizales, 11 (2) 675 – 688.

Louro, G. L. (2000). Pedagogias da sexualidade. In: Louro, G. L. e cols. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. (pp. 07-34). Belo Horizonte: Autêntica.

McNamee. S. (2014). Construindo conhecimento/construindo investigação: coordenando mundos de pesquisa. In: Guanaes-Lorenzi, C., Moscheta, M., Corradi-Webster, C. M., & Vilela e Souza, L. (Orgs.), *Construcionismo social: discurso, prática e produção de conhecimento* (pp. 105-132) Rio de Janeiro: Instituto Noos.

Moraes, M. O. (2004, maio/agosto). A ciência como rede atores: ressonâncias filosóficas. *Hist. Cienc. saúde – Manguinhos*, 11(2), 321-333. Recuperado em 10 de novembro, 2015, em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702004000200006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702004000200006&script=sci_arttext).

Moraes, M. O., & Arendt, R. J. J. (2013, abril/junho). Contribuições das Investigações de Annemarie Mol para a Psicologia Social. *Psicologia em Estudo*, 18(2), 313-321. Recuperado em 10 de novembro de 2015, em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722013000200012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722013000200012)

Sampaio, J. V. & Medrado, B. M. (2014). Hormônios como actantes: leituras a partir da Teoria Ator-Rede. [Palestra]. Em Universidade Federal Rural de Pernambuco (Org.). 18º REDOR, Recife.

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM  
03 a 06 de Abril de 2017  
Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

Scott, J. (1989). *Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history*. New York, Columbia University Press.

Spink, M. J. e cols. (2014). *A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein.